

GAZETA MERCANTIL

Sexta-feira, 23 de dezembro de 1988

A potência de um tigre, enjaulado e ferido

Ainda há alguns dias, comen-
távamos nestas colunas a perfor-
mance das exportações brasilei-
ras, que deverão chegar neste ano
ao nível recorde de aproximada-
mente US\$ 34 bilhões. Dizíamos
então que, não obstante os proble-
mas monetários que as vendas ex-
ternas têm acarretado, o governo
deveria estudar fórmulas para
manter estimulada a exportação,
que tem sido o verdadeiro motor
da economia brasileira neste ano,
assegurando inclusive a manuten-
ção dos níveis de emprego.

Ao lado disso, sustentamos a
posição de que as receitas de ex-
portação, ao assegurarem a sol-
vência externa, certamente des-
pertariam um interesse maior dos
investidores externos pela econo-
mia brasileira, possibilitando,
com isso, amenizar o peso ele-
vadíssimo das transferências
líquidas de recursos ao exteri-
or.

Nesse sentido, duas notícias
desta semana são animadoras. O
Conselho Monetário Nacional
(CMN) parece agora mais
sensível aos argumentos de que
seria insensato deixar que as em-
presas brasileiras, em um mo-
mento de retração do mercado
mundial, arrefecessem as suas

vendas externas, cedendo lugar a
competidores estrangeiros. O
CMN autorizou, na última quarta-
feira, o Banco Central (BC) a ado-
tar duas medidas, que podem não
ser decisivas mas que demons-
tram boa vontade com relação às
reivindicações do setor exporta-
dor. Segundo adiantou o diretor
da Área Externa do Banco Cen-
tral, o prazo máximo para as ope-
rações de fechamento de câmbio
poderá ser ampliado até dez dias
após o embarque da mercadoria
até noventa dias. Com isso, prevê-
se uma atenuação, durante algum
tempo, do impacto monetário das
exportações.

Outra medida em cogitação
pelo BC é criar um depósito a pra-
zo fixo, em termos voluntários,
das divisas originadas pelas ex-
portações, a serem remuneradas
pela Libor. A diferença em rela-
ção à antiga Resolução nº 1.208 é
que tal depósito não será efetuado
pelo equivalente em cruzados das
receitas auferidas, mas em moe-
da estrangeira. Esta última auto-
rização é mais importante, pois
pode significar, na prática, o
início da introdução de uma "con-
ta dólar" no BC, como têm su-
gerido economistas e exportado-
res.

Naturalmente, no momento
em que tais providências forem
implementadas, merecerão um
comentário específico. Mas, em
nosso entender, essa atitude mais
lúcida das autoridades brasileiras
adquire um significado maior no
momento em que se noticia que
reputada empresa internacional
de auditoria, a Coopers &
Lybrand, a terceira entre as oito
maiores do mundo, avalia que,
com uma produção de manufatu-
rados da ordem de US\$ 84,821 bi-
lhões, o Brasil já se credencia co-
mo a sétima maior potência in-
dustrial do Ocidente. Um dado,
não citado pela empresa mas
também registrado neste ano, é
que o Brasil, com 24,2 milhões de
toneladas de produção de aço por
ano, já ultrapassa, nesse setor, a
Itália (a sexta potência economi-
ca do mundo ocidental).

Em termos de Produto Nacio-
nal Bruto (PNB), o Brasil ainda é
a oitava economia (não conside-
rando os países socialistas), mas,
como observa a Coopers, o País
"tem oportunidades de avançar
de modo a colocar-se entre os cin-
co maiores mercados nos próxi-
mos quinze anos" e, certamente,
o produto real correrá paralelo.
De qualquer forma, a produção

industrial brasileira já "é maior
do que a da Coreia, de Taiwan e
Cingapura juntos, ou seja, dos
três tão temidos tigres econômi-
cos asiáticos".

Está claro que seria fora de
propósito qualquer ufanismo em
face dessa análise, que não deixa
de notar o péssimo padrão de dis-
tribuição de renda no Brasil, a sua
imagem de maior devedor do Ter-
ceiro Mundo, as deficiências de
educação, suas políticas economi-
cas erráticas, etc. Tudo isso leva
os investidores estrangeiros a
preferirem aplicar em outras eco-
nomias com muito menos capaci-
dade de expansão.

O Brasil é também um tigre,
sugere a Coopers & Lybrand, mas
enjaulado e ferido, mas, apesar
de tudo, destinado a exercer um
papel-chave na América Latina.
Esse animal é capaz de feitos co-
mo o ousado pulo das exportações
neste ano. Mas a questão, assina-
la o estudo, "não é como evitar o
Brasil, mas como lidar com suas
políticas e torná-las parte da es-
tratégia global". Em termos na-
cionais, diríamos que o grande de-
safio é fazer agora a abertura eco-
nômica, que deve seguir-se à
abertura política tão arduamente
conquistada.